

O picadeiro, a Educação Física e a inclusão: estratégias pedagógicas para ensino das atividades circenses para crianças com síndrome de down, TEA e TDAH/hiperatividade

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar quatro estratégias pedagógicas para ensino de atividades circenses para crianças com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade, a serem exemplos de propostas pedagógicas que possam ser adaptadas por profissionais de Educação Física, estabelecendo relações entre o Circo, a Educação Física e a inclusão. Estrutura-se como um ensaio acadêmico, apoiando-se na literatura científica para sugestões na elaboração das estratégias pedagógicas. Foram desenvolvidas adaptações visando as potencialidades de cada tarefa, como o uso das cores e comunicação verbal para atenção, texturas, tamanhos, desuso dos sapatos para percepção sensorial, modificações nos materiais, auxílio com as mãos para hipotonia muscular e, por fim, estímulo à interação coletiva para socialização. A partir da análise das atividades propostas sob a ótica da inclusão, percebe-se que é papel do/a profissional de Educação Física integrar e incluir crianças no âmbito circense, levando em conta seus múltiplos benefícios para o desenvolvimento integral.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades circenses;
Deficiência; Estratégias pedagógicas

Alex Damasceno Rodrigues

Graduado em Educação Física
Centro Universitário UniEduk, Curso de
Educação Física, Jaguariúna, Brasil
alex.rodrigues663@al.unieduk.com.br
<https://orcid.org/0009-0005-1423-2798>

Alexsandra Damasceno Rodrigues

Graduada em Educação Física
Centro Universitário UniEduk, Curso de
Educação Física, Jaguariúna, Brasil
alexsandra.rodrigues664@al.unieduk.com.br
<https://orcid.org/0009-0007-5653-6815>

Rayane Martins Rodrigues

Graduada em Educação Física
Centro Universitário UniEduk, Curso de
Educação Física, Jaguariúna, Brasil
rayane.rodrigues632@al.unieduk.com.br
<https://orcid.org/0009-0003-3859-7965>

Daniela Bento-Soares

Doutora em Educação Física
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Departamento de Educação
Física, Rio Claro, Brasil
danibsoares@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2557-5583>

The riding arena, Physical Education and inclusion: pedagogical strategies for teaching circus activities for children with Down Syndrome, ASD and ADHD/Hyperactivity

ABSTRACT

This study aims to present four pedagogical strategies for teaching circus activities to children with Down Syndrome, Autistic Spectrum Disorder and Attention Deficit/Hyperactivity Disorder, to be examples of proposes for Physical Education teachers, establishing relationships between Circus, Physical Education, and inclusion. It is structured as an academic essay, relying on the scientific literature. In the activities, adaptations were developed aiming at the potential of each task, such as the use of colours and verbal communication for attention, textures, sizes, disuse of shoes for sensory perception, changes in materials, help with the hands for muscle hypotonia and the stimulus to collective interaction for socialization. From the analysis made and the activities proposed from the perspective of inclusion, it is the role of the Physical Education professional to integrate and include children with intellectual disabilities in the circus, considering its multiple benefits for integral development.

KEYWORDS: Circus activities; Disability; Pedagogical strategies

El picadero, Educación Física e inclusión: estrategias pedagógicas para la enseñanza de actividades circenses a niños con Síndrome de Down, TEA y TDAH/Hiperactividad

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo presentar cuatro estrategias pedagógicas para la enseñanza de actividades circenses a niños con Síndrome de Down, Trastorno del Espectro Autista y Trastorno por Déficit de Atención/Hiperactividad, estableciendo relaciones entre Circo, Educación Física e inclusión. Está estructurado como un ensayo académico, apoyándose en la literatura científica para sugerencias en la elaboración de estrategias pedagógicas. En las actividades se desarrollaron adaptaciones apuntando al potencial de cada área, como el uso de colores y comunicación verbal, texturas, tallas, desuso de zapatos, cambios de materiales, ayuda con las manos y, finalmente, estímulo a la interacción colectiva para la socialización. Del análisis realizado y de las actividades propuestas desde la perspectiva de la inclusión, se desprende que es rol del profesional de la Educación Física integrar e incluir a los niños con discapacidad intelectual en el circo, teniendo en cuenta sus múltiples beneficios para el desarrollo integral.

PALABRAS-CLAVE: Actividades circenses; Deficiencia; Estrategias pedagógicas

INTRODUÇÃO

A Educação Física é constituída por uma pluralidade de temas que têm em comum a prática e o estudo da motricidade humana. Bortoleto e Machado (2003) afirmam que, considerando as várias ações motoras presentes no Circo, é de interesse considerar os saberes circenses como parte da Educação Física, uma vez que essas áreas vêm se relacionando desde o século XIX. A história indica que a Ginástica científica (SILVEIRA, 2013) ressignificou os trabalhos de força, flexibilidade e resistência dos/as funâmbulos/as e artistas, por meio da padronização dos movimentos, requerida pela Ciência e pela sociedade da época.

Ao mesmo tempo, se por um período as atividades circenses foram rechaçadas de sua relação com os estudos sobre o corpo e a Educação Física no passado, neste momento vêm conquistando o lugar de uma possibilidade corporal educativa. Isso ocorre, especialmente, dadas suas potencialidades de alinhar o lado formativo de seus movimentos ao seu espectro comunicativo, emancipatório e social (OLIVEIRA et al., 2022). Como parte do patrimônio cultural da humanidade, as artes circenses podem ser entendidas como possíveis saberes que compõem a cultura de movimento (CARDANI, 2018), justificando sua disseminação e seu potencial para a educação.

Nesse escopo de possibilidades expressivas, ao longo da história, o Circo foi constituído por diferentes modalidades, que evoluíram ao longo do tempo. São essas modalidades que constituem o espetáculo e as suas formas de manifestações, representando singularidades de acordo com seu modo de realização. Duprat e Bortoleto (2007) propõem uma classificação para essas manifestações, considerando a ação motora e os objetos utilizados, as quais seriam: acrobacias, manipulações, equilíbrios e encenação.

Nas acrobacias são encontradas ações motoras aéreas, corpóreas e de trampolim, como tecido acrobático, contorcionismo e trampolim acrobático, respectivamente. As manipulações são realizadas com objetos como os malabares e mágicas. Os equilíbrios são feitos sobre objetos, com objetos, ou ainda de forma acrobática, utilizando claves, corda bamba e jogos icários. Por fim, a encenação acontece através das artes corporais como a arte cênica, dança e música e ainda, por meio da palhaçaria, com diferentes técnicas e estilos (DUPRAT; BORTOLETO, 2007).

Estas manifestações passaram a ser ainda mais disseminadas no período histórico denominado “circo novo” (DUPRAT, 2007, p. 45), que considerou a abertura dos conhecimentos e dos saberes circenses para a população em geral, não sendo mais exclusividade das famílias circenses sua abordagem. Assim, esses saberes podem atualmente ser aprendidos em outros

contextos, como das escolas especializadas, escolas formais, centro culturais e até mesmo em outras esferas de atividades recreativas.

Nas diferentes esferas de contato das pessoas com as artes circenses, segundo Aquino (2014), a vertente que mais se aproximou da Educação Física tem como objetivo orientar uma prática pedagógica que vise o desenvolvimento abrangente do/a praticante. Logo, sendo um dos principais propósitos da Educação Física desenvolver meios de ensino e aprendizagem do movimento, suas vertentes e manifestações, compreende-se a importância das tratativas das práticas corporais como formas de linguagem. Assim, para tal objetivo ser alcançado, o ensino desses conhecimentos precisa ser mediado de forma a possibilitar a participação plena de todos/as os/as envolvidos/as, a partir de estratégias pedagógicas inclusivas e emancipatórias (BENTO-SOARES, 2019).

Nesse contexto, podem ser priorizadas formas de ensinar que se caracterizam pela relação e troca de experiência entre professor/a e aluno/a, além de considerarem o contexto de vida prévio dos/as aprendizes/as (BENTO-SOARES, 2019). Sobre esse assunto, Venditti Junior e Sousa (2008) afirmam que é essencial que o/a profissional de Educação Física inspire os/as alunos/as a participarem das diferentes práticas corporais por meio de diversos recursos pedagógicos.

Sendo assim, é possível afirmar que as atividades circenses, detendo diferentes características que podem atrair o interesse do público e de praticantes, quando tratado de maneira responsável pelos/as professores/as-mediadores/as, pode resultar em uma prática divertida e prazerosa (GUIMARÃES et al., 2019). Tal prática abre espaço para a participação das crianças com deficiências e com transtornos de desenvolvimento, que têm seu direito de inclusão nas diferentes ações de promoção das práticas corporais garantido segundo a Lei nº 13.146:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015, p. 1).

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), a pessoa com deficiência é aquela que possui impedimento físico, mental, intelectual ou sensorial a longo prazo, podendo ter sua participação social plena obstruída. O direito de inclusão da criança com deficiência, e também da criança com transtornos de desenvolvimento, depende da conexão entre profissionais e familiares para superação dos diversos desafios enfrentados pela prática do ensino (BRIANT; OLIVER, 2012).

A criança com deficiência necessita de uma ação atenciosa e responsável por parte do/a docente para que suas singularidades sejam atendidas na Educação Física e nos esportes adaptados. O/a professor/a deve estar pronto/a para auxiliar o progresso do/a aluno/a com deficiência ou transtornos de desenvolvimento, sendo exigida, portanto, que sua docência seja constituída por conhecimentos adequados, habilidades, valores e prática assessora (BARRETO et al., 2013), com adaptações de objetos e atividades propostas, de acordo com a singularidade de cada aluno/a (BARBOSA JUNIOR; BORGES; PINHEIRO, 2015).

Considerando as atividades circenses e seus potenciais para o desenvolvimento integral de quem as pratica, alguns questionamentos se fazem necessários. Quais estratégias pedagógicas podem ser utilizadas no ensino das atividades circenses para crianças com deficiências ou transtornos de desenvolvimento?

Com base no que foi exposto na introdução, esse estudo tem como objetivo apresentar quatro estratégias pedagógicas para ensino de atividades circenses para crianças com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade, a serem exemplos de propostas pedagógicas que possam ser adaptadas por profissionais de Educação Física, estabelecendo relações entre o Circo, a Educação Física e a inclusão. Como objetivos específicos, temos: investigar as características das crianças com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade e sugerir um programa com atividades circenses para esse público em específico.

DESENHO DO ESTUDO

O desenvolvimento desse estudo apoiou-se na proposta de um ensaio acadêmico. O ensaio é uma forma criativa para reflexão, captando assim, o movimento do pensar (PAVANI, 2009). Ele utiliza a pesquisa bibliográfica concomitante ao modo de refletir sobre suas ideias na construção de seu texto. O ensaio acadêmico possibilita novas formas de expressão e de pensamentos uma vez que busca o saber, abrindo-se, portanto, para novos sentidos e interpretações que ainda não foram descobertas.

O ensaísta problematiza a escrita cada vez que escreve, e problematiza a leitura cada vez que lê, ou melhor, é alguém para quem a leitura e a escrita são, entre outras coisas, lugares de experiência, ou melhor ainda, é alguém que está aprendendo a escrever cada vez que escreve, e aprendendo a ler cada vez que lê: alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê (LARROSA, 2003, p.108).

Para o início da elaboração deste ensaio, foram consultadas pesquisas de relevância científica e aplicabilidade e afinidade com o tema, a fim de construir um respaldo teórico. Após tal aprofundamento, foram elaboradas estratégias pedagógicas com base na experiência do/as autor/as e de discussões pedagógicas. Cabe ressaltar que as estratégias pedagógicas propostas estão apresentadas no texto a título de sugestão e não foram realizadas em uma pesquisa de campo.

DISCUSSÃO

Optou-se, nesse estudo, pela abordagem específica de uma deficiência intelectual, a Síndrome de Down, bem como de duas condições nomeadas como transtornos de desenvolvimento, a saber: Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

Síndrome de Down

Segundo Ke e Liu (2015), a Síndrome de Down, também conhecida como trissomia do cromossomo 21, afeta o desenvolvimento do corpo e do cérebro. São conhecidos três tipos de Síndrome de Down: a Trissomia simples, a maioria dos casos, caracterizada pela presença de um cromossomo 21 a mais no DNA celular; o Mosaicismo, de rara incidência, quando há a ocorrência de 46 cromossomos em algumas células e 47 cromossomos em outras; e a Translocação, associada à genética, muito rara (ARRUDA; ALENCAR, 2018). As pessoas com Síndrome de Down apresentam características clínicas, podendo ainda, haver variabilidade fenotípica. As principais delas são, conforme Arruda e Alencar (2018), olhos amendoados, prega simiesca, encurtamento dos dedos, pescoço curto, flexibilidade em excesso nas articulações, problemas cardíacos e fragilidade na coluna vertebral (instabilidade atlanto-axial).

Do ponto de vista biológico, portanto, a atuação com crianças com Síndrome de Down em atividades circenses pode ser melhor desenvolvida se realizada em parceria com uma equipe multidisciplinar, a fim de que os cuidados médicos sejam sinalizados para adequado planejamento pedagógico a ser realizado pelo/a profissional de Educação Física. Especialmente, atenção deve ser dada à hiperflexibilidade nas articulações, instabilidade atlanto-axial, hipotonia muscular, tamanho reduzido das mãos e dedos e baixa estatura.

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Diferentemente das deficiências intelectuais, o TEA não é marcado por uma característica ou singularidade clara, uma vez que suas manifestações externalizam-se de formas distintas em cada um. Por esse motivo, o transtorno recebe o nome de Espectro, não sendo de expressões únicas ou pré-estabelecidas.

Pessoas com TEA são, por vezes, questionadas em relação à sua independência, principalmente sob o olhar de familiares e responsáveis e a razão de tal questionamento é reflexo de sua dificuldade de socialização e interação. Mapelli e colaboradores/as (2018) afirmam que a família é o primeiro ambiente de socialização da criança e é neste contexto que o cuidado, o atendimento às necessidades e o desenvolvimento das potencialidades são promovidos. Dessa forma, torna-se possível estabelecer uma relação entre o processo de comunicação social e interativa da criança e sua relação familiar.

Para além do ambiente familiar, destaca-se ainda o contexto educacional e sua importância no cotidiano da criança. A Educação aqui, detém o importante papel de auxiliar no desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e sociais da pessoa com TEA, através do ensino e aprendizagem das diferentes capacidades e habilidades da pessoa. Esse processo resulta no aumento do repertório de experiências da criança, gerando novas formas de relacionar-se consigo e com o outro (SANINI; BOSA, 2015). Partindo desta consideração, entende-se que um ambiente rico em estímulos comunicativos, sensoriais, visuais e sociais faz-se essencial para que a criança se desenvolva, explorando suas potencialidades.

Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)

O TDAH é o transtorno psiquiátrico de contexto desenvolvimental mais comum na infância, cuja prevalência é maior em membros do sexo masculino (DAVELA; ALMEIDA, 2016). Este transtorno é marcado pela desatenção, distração, hiperatividade e impulsividade (JAFFERIAN; BARONE, 2015), os quais levam as pessoas com TDAH a apresentarem dificuldade para prestar atenção e mantê-la, além de manter o nível de atividade e moderar as ações impulsivas (CARVALHO; CIASCA; RODRIGUES, 2015).

Pensando nisso, se faz necessário realizar um atendimento educacional personalizado para este/a aluno/a, de forma que se sinta confortável para aprender sobre determinado assunto/modalidade. Silva (2015) relata que cabe ao/à profissional aplicar estratégias pedagógicas que prendam a atenção de seus/suas alunos/as, de forma que se utilize jogos, brincadeiras,

dinâmicas e atividades que desafiam os alunos e os deixam curiosos. Ainda, o/a profissional deve escolher estratégias pedagógicas que correspondam com a realidade do/a aluno/a, e principalmente não os/as comparar, pois isso tende a piorar o desenvolvimento e o comportamento da criança com TDAH.

Estratégias pedagógicas para ensino das atividades circenses

Os quadros a seguir apresentam sugestões de estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas no processo de ensino e aprendizagem de algumas atividades circenses envolvendo os quadros citados no presente ensaio e visando o desenvolvimento da socialização no processo de ensino-aprendizagem:

Quadro 1 – Estratégia pedagógica: Tecido Acrobático

Atividade 1	
I. Identificação:	
Faixa etária: 10 a 12 anos	Nível: Iniciação
Objetivos: Desenvolvimento de confiança e relação professor/a-aluno/a; Vivência de ação motora sem contato com o solo; Fortalecimento de membros superiores através da técnica de subida e descida do tecido acrobático.	
II. Atividade Circense (modalidade): Acrobacias	
III. Objeto de Conhecimento (conteúdo): Ações Aéreas - tecido acrobático	
IV. Desenvolvimento da atividade: Uma música será colocada e enquanto ela toca, as crianças serão incentivadas a subir no tecido acrobático. Quando houver pausas na música, estipuladas pelo/a professor/a, as crianças serão convidadas a ficarem imóveis e realizar "estátuas".	
V. Adaptações:	
Síndrome de Down: A adaptação será feita no próprio material. Ao final do tecido acrobático, um nó será feito, unindo suas duas pontas. Dessa forma, a criança terá um apoio para pisar durante a subida, levando em consideração a hipotonia de membros superiores e inferiores. A criança poderá apoiar-se em contato com o/a professor/a e ainda de outros/as colegas, que irão exercitar auxiliar o/a praticante e realizar sua segurança e apoio.	
TEA: Inicialmente será feito com as crianças um reconhecimento tátil do tecido, em que as crianças deverão tocar o corpo dos/as colegas com o aparelho, a fim de provocar as sensações que sentirão ao subir no tecido.	
TDAH: Para chamar a atenção dos/as alunos/as, o/a professor deve amarrar uma fita de cetim na mão do/a aluno/a da mesma cor do tecido acrobático e explicar que sempre deve manter próximo os dois pois “se completam”. A socialização nesta adaptação ficará a par das instruções verbais que os/as colegas deverão fazer ao/à praticante durante a realização da atividade.	
VI. Materiais: Tecido acrobático, caixa de som e fita de cetim.	

Fonte: Própria.

Segundo Bortoleto e Calça (2007), dos aparelhos aéreos circenses, o tecido é um de mais fácil aprendizagem, pois se molda ao corpo do/a praticante e se adapta às suas características. Assim, torna-se potencialmente interessante em ser trabalhado com o público deste estudo, uma vez que permite adaptações de forma mais maleável, além de relacionar-se com questões estéticas, atraindo a atenção dos/as alunos/as.

A atividade proposta no Quadro 1 foi realizada por ser uma das ações mais desejadas pelas crianças de modo geral, pois além de ser visivelmente impressionante, proporciona o desafio, o sentimento de confiança e está relacionada às sensações e impressões estéticas de praticantes e espectadores/as. Esta proposta baseia-se no aparelho tecido liso (BORTOLETO; CALÇA, 2007), com a utilização didática de uma amarração denominada “trança”, para fins de adaptação. Essa é uma estratégia amplamente utilizada para diferentes públicos, ao passo que estimula o desenvolvimento de força muscular e coordenação motora para a subida, no início do processo de ensino-aprendizagem.

Destaca-se, no entanto, que outras formas de tecido poderiam ainda ser utilizadas, especialmente o tecido marinho, em que as duas extremidades do tecido são presas de forma separada, constituindo uma espécie de “rede”, em que o/a praticante poderia sentar-se e balançar-se, experimentando outras sensações proporcionadas pelo aparelho. Além disso, de acordo com Dolwitsch, Rosa e Guerra (2017), reforça-se que a exploração temática da prática do tecido pode ser uma possibilidade para um trabalho expressivo e criativo com as crianças, incentivando relações de movimentos com associações do universo infantil, para além de uma perspectiva motora.

Adaptações para o ensino do tecido circense específicas para crianças com Síndrome de Down, com TEA ou TDAH ainda não foram encontradas na literatura científica.

Destaca-se a mediação entre praticantes e desses/as com professores/as a partir de ajudas verbais e manuais e de toque corporal, no sentido de permitir e incentivar a troca de conhecimentos e o suporte emocional que a atividade sugere.

Quadro 2 – Estratégia pedagógica: Malabarismo

Atividade 2	
I. Identificação:	
Faixa etária: 8 a 10 anos	Nível: Iniciação
Objetivo: Desenvolvimento de atenção; Vivência de ação motora coordenativa; Desenvolvimento da coordenação motora óculo-manual e fina.	
II. Atividade Circense (modalidade): Manipulações	
III. Objeto de Conhecimento (conteúdo): Malabarismo	

IV. Desenvolvimento da atividade: O/a professor/a deverá distribuir aos/às alunos/as dois pedaços de tule e solicitar os segurem um com cada mão. Posteriormente, o/a professor/a deverá propor variações de lançamentos e retomadas, utilizando o movimento de pinça, a alteração da posição das mãos e a realização da ação com apenas uma mão.

V. Adaptações:

Síndrome de Down: Não haverá necessidade de adaptações, pois a criança não possui nenhuma limitação física que impossibilite a execução da tarefa. Apenas, incentiva-se que durante a atividade haja trocas de materiais entre as crianças, a fim de desenvolver a comunicação.

TEA: Inicialmente será feito com as crianças um reconhecimento tátil do tecido, fomentando brincadeiras (exemplo: as crianças brincarão de esconder-se com os tules, com a ajuda dos/as colegas).

TDHA: Serão entregues pedaços de tule com cores e tamanhos diferentes, para que as crianças se sintam atraídas pela atividade. Pode ser realizada distribuição das cores em duplas, a fim de que as crianças interajam e decidam, em pares, quais cores de material serão utilizadas na atividade.

VI. Materiais: Quadrados de 20cm de tule colorido, em diversas cores.

Fonte: Própria.

As atividades de malabarismo são algumas das mais características no universo circense. Promovem, segundo Favari e colaboradores/as (2021), melhorias na lateralidade, postura corporal, percepção espacial e capacidade da visão focal e ambiental, além de outros exemplos, e assim exigem autoconfiança de seus/suas praticantes. Por esse motivo, podem ser desafiadoras de serem trabalhadas por um longo tempo ou sem que haja o incentivo constante de professores/as (CARAMÊS; CORAZZA; SILVA, 2012) e colegas de turma. Assim, as interações sociais podem ser utilizadas como incentivo para que as crianças permaneçam concentradas na atividade, com a tarefa de auxiliar os/as colegas e de atingirem juntas a um objetivo comum. Podem ser realizadas, por exemplo, atividades em que o objetivo seja trocar os lenços com as outras crianças por dez vezes sem que haja queda ou por um determinado tempo da música.

Ademais, outra possibilidade interessante de ensino do malabarismo com crianças com Síndrome de Down, TEA e TDHA/Hiperatividade pode ser a partir da utilização de caixas (LOPES; DUPRAT, 2022). Isso pois esse tipo de aparelho apresenta rigidez e leveza ao mesmo tempo, sendo de fácil manipulação e percepção visual, bem como de cores variadas, fatores que favorecem a manipulação. Lopes e Parma (2016) ainda sugerem a confecção artesanal do aparelho, o que pode ser bastante interessante ao favorecerem a apropriação das crianças de seus instrumentos da atividade.

Outros exemplos de atividades para o ensino do malabarismo, nesse momento a partir da perspectiva do jogo, não explorada nesse artigo, podem ser observados no estudo de Favari e colaboradores/as (2021).

Quadro 3 – Estratégia pedagógica: Corda bamba

Atividade 3	
I. Identificação:	
Faixa etária: 6 a 8 anos	Nível: Iniciação
Objetivo: Desenvolvimento de confiança; Vivência de ação motora de equilíbrio; Desenvolvimento do equilíbrio dinâmico e mudança de direção.	
II. Atividade Circense (modalidade): Equilíbrio	
III. Objeto de Conhecimento (conteúdo): Corda bamba	
IV. Desenvolvimento da atividade: O/a professor/a deverá posicionar várias cordas no chão com diferentes curvas e direções. As crianças realizarão um pega-pega andando sobre as cordas, sem perder o equilíbrio.	
V. Adaptações:	
<p>Síndrome de Down: Para facilitar o equilíbrio das crianças, a atividade poderá ser realizada em dupla, em que uma criança irá exercer o papel de pegador/a ou fugitivo/a, caminhando sobre a corda, e a outra criança ficará ao seu lado, oferecendo apoio dando as mãos para o/a outro/a.</p> <p>TEA: As crianças deverão realizar a atividade sem os sapatos para melhora da percepção tátil, percorrendo o caminho da corda em conjunto, inicialmente sem a lógica da brincadeira, em “trem”, com as mãos nos ombros do/a colega que estará a sua frente.</p> <p>TDAH: Um/a colega deverá ficar ao final da corda, chamando a outra criança pelo nome e incentivando-o/a a realizar a atividade.</p>	
VI. Materiais: Cordas.	

Fonte: Própria.

Como uma modalidade do subgrupo “equilíbrio sobre objetos” (DUPRAT; BORTOLETO, 2007), a corda bamba e suas variantes, como arame de equilíbrio e o slackline, parece ter “se originado na dificuldade, desafio, encantamento e ludicidade” (BARRAGÁN et al., 2019, s.n.). No trabalho de “equilíbrio sobre objetos”, é indicada ênfase em atividades que promovam o controle postural, a propriocepção e o contato do corpo sobre o material (BARRAGÁN et al., 2019). Assim, a utilização da corda bamba adaptada pode proporcionar o desenvolvimento de equilíbrio e confiança simultaneamente, fatores motores e psicológicos interessantes a serem desenvolvidos pelas crianças com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade em todos os casos analisados.

Da forma como sugerido no Quadro 3, ademais, a socialização e o trabalho em equipe também contribuem para o sucesso da atividade. Ainda, ao invés de utilizar as cordas no chão, caso haja estrutura segura e disponibilidade de materiais, pode ser usado slackline para simulação da corda bamba. Nesse caso, sugere-se que não seja realizado pega-pega, apenas a caminhada pelo percurso.

Um aspecto interessante sobre as práticas de equilíbrio é que a capacidade obtida em seu trabalho, no entanto, ainda segundo Barragán e colaboradores/as (2019), não pode ser transferida para outras modalidades circenses, como o rola-rola ou a bola de equilíbrio. Os/as autores/as explicam que, de acordo com Parlebas (2001), as informações sinestésicas construídas em uma modalidade, devido às especificidades de cada uma, não são transferidas, fazendo com que seja de grande interesse que sejam adaptadas outras modalidades de equilíbrio para a população estudada.

Quadro 4 – Estratégia pedagógica: Encenação

Atividade IV	
I. Identificação:	
Faixa etária: 10 a 12 anos	Nível: Iniciação
Objetivo: Desenvolvimento de habilidades comunicativas; Desenvolvimento da expressão corporal, facial e a criatividade.	
II. Atividade Circense (modalidade): Encenação	
III. Objeto de Conhecimento (conteúdo): Artes Cênicas - Teatro	
IV. Desenvolvimento da atividade: Individualmente ou em pequenos grupos, os/as alunos/as contarão histórias improvisadas a partir da temática dada pelo/a professor/a. Ao contar a história, as crianças deverão encená-la com gestos e expressões corporais.	
V. Adaptações:	
Síndrome de Down e TEA: De acordo com a potencialidade de cada aluno/a, o/a professor/a poderá colaborar na construção da história. Caso haja dificuldade de verbalização, uma alternativa poderá ser a contação da história (verbal) pelo/a professor/a e a encenação pelo/a aluno/a, possibilitando uma atuação conjunta.	
TDAH: O/a professor/a poderá incentivar as crianças a fazerem perguntas sobre a história contada pelo/a colega tiver pausas, facilitando o encaminhando das ideias. Além disso, deverá haver revezamento de liderança nos casos em que a atividade for desenvolvida em pequenos grupos, para construção coletiva da encenação.	
VI. Materiais: Não serão utilizados materiais.	

Fonte: Própria.

O contexto de encenação, nas atividades circenses, relaciona-se amplamente à figura do/a palhaço/a, personagem amplamente reconhecido/a no imaginário popular deste contexto (ZAIM-DE-MELO; GODOY; BRACCIALLI, 2020). Os exercícios de expressão, de grande importância, relacionam-se ao conhecimento de que o/a palhaço/a é conhecido/a por ser especializado/a em comédia física (WUO, 2013). Dentre as técnicas básicas da comicidade, Braccialli, Melo e Bortoleto (2019) destacam a improvisação e os gestos exagerados como possibilidades.

As atividades de encenação podem ser amplamente positivas para alunos/as com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade, uma vez que a comunicação tende a ser um aspecto de

alerta em muitos dos casos analisados. Além disso, ressalta-se a exposição positiva que pode ser vivenciada por essas crianças; é muito comum, infelizmente, que as crianças com Síndrome de Down, TEA e TDAH/Hiperatividade se sintam expostas em seu dia a dia a olhares piedosos, acusadores e punitivos, o que pode levar a um sentimento de tristeza e a comportamentos cada vez mais tímidos e introspectivos. Assim, a atividade de encenação pode ser um momento em que a atenção dada àquela criança tem como objetivo incentivá-la e agraciá-la por sua potencialidade e mensagem a ser transmitida.

Braccialli, Melo e Bortoleto (2019) também ressaltam a importância do trabalho com a “menor máscara”, o nariz, que possibilita a contextualização desse/a personagem e o cruzamento entre os conhecimentos cênicos e as possibilidades expressivas. Assim, destaca-se que possibilidades de adaptação desse material para as crianças envolvidas podem ser de grande potência. Outras propostas para o trabalho de encenação podem ser consultadas em Zaim-de-Melo, Godoy e Braccialli (2020) e serem adaptadas para as características do público de trabalho.

De forma geral, os exemplos acima são formas de apresentar possibilidades de olhares para as atividades circenses que tenham como foco as potencialidades de cada criança e também a troca de conhecimentos e a interação social com outros/as e com professores/as. Ressalta-se que além das adaptações expostas, algumas ações tornam-se essenciais na postura pedagógica dos/as professores/as, como estimular a construção coletiva das atividades, trabalhar a autonomia nas crianças, oferecer feedback positivo, respeitar a individualidade e as especificidades de cada uma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste ensaio acadêmico, buscamos compreender e propor o uso de estratégias pedagógicas para ensino de atividades circenses para crianças com desenvolvimento atípico. Tais estratégias podem ser realizadas através da adaptação de materiais, ambiente e organização das aulas, a partir da criatividade do/a professor/a e dos/as alunos/as. Em suma, para as adaptações apresentadas e outras que possam ser advindas das atividades circenses, ressalta-se a importância da garantia de propostas seguras, já que a prática destas atividades pode oferecer riscos aos/as praticantes (BARRAGÁN et al., 2019). Essa segurança deve ser assegurada por meio de estratégias pedagógicas adequadas, bem como com a utilização de colchões e outros materiais para fixação de aparelhos aéreos e peso e formato adequado de malabares, por exemplo.

As adaptações propostas, relacionadas a instruções verbais, percepção tátil e percepção cinestésica e a adaptação de materiais seguem as sugestões de Yogui, Toledo e Bortoleto (2017) e Gorgatti e Costa (2005). É papel do/a profissional de Educação Física promover a inclusão das

crianças no âmbito circense, uma vez que tais atividades podem servir como ferramentas para o desenvolvimento integral dos/as participantes englobando os aspectos físicos, psicológicos, sociais, afetivos e cognitivos. Trabalhar com meios facilitadores torna a prática mais atrativa e prazerosa ao/à aluno/a; todavia, é imprescindível que o/a professor/a tenha cautela na execução de certos movimentos, para que não haja comprometimento de sistemas corporais ou sentimento de frustração (GUIMARÃES et al., 2019).

Por fim, no que diz respeito ao atendimento às necessidades, cuidados necessários e desenvolvimento de habilidades, salienta-se o papel imprescindível da Educação Física no ensino e promoção das ações da cultura corporal do movimento, que estimulam as diferentes vivências importantes para a criança com TEA, como interação, resolução de problemas, construção de novos saberes, práticas físicas benéficas à saúde da pessoa e o desenvolvimento do movimento corporal (PEREIRA et al., 2020).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Milena da Silva. **Circo e Educação: Atividades Circenses na Educação Física Escolar**. 2014. 24 p. TCC (Graduação) – Curso de Licenciatura em Educação Física, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2014.

ARRUDA, Reginaldo Markievison Souza de; ALENCAR, Gildiney Penaves de. A inclusão de alunos com Síndrome de Down nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Gestão Universitária**, Campo Grande, v. 10, n. 1, p. 1-9, 2018.

BARBOSA JUNIOR, Claudino Lourenço; BORGES, Michele Christine; PINHEIRO, Maria do Carmo Morales. Circo e corpos com deficiência: um encontro especial. In: VI EDIPE – ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 6., 2015, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: CEPED, 2015. p. 1-1.

BARONI, José Francisco. Arte circense: a magia e o encantamento dentro e fora das lonas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 81–100, 2006. <https://doi.org/10.5216/rpp.v9i1.126>

BARRAGÁN, Teresa Ontañón *et al.* Corpo e arte: uma proposta pedagógica na Educação Física a partir da bola de equilíbrio circense. **Educación Física y Ciencia**, [S.L.], v. 21, n. 2, e076, 2019. <https://doi.org/10.24215/23142561e076>

BARRETO, Michele Aline; LUCIANO, Tatiane Santos; PAULA, Laura Neves de; BORGES, Paula Aparecida. A preparação do profissional de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 152-167, jan./jun. 2013. <https://doi.org/10.5585/podium.v2i1.41>

BENTO-SOARES, Daniela. **Formação de treinadores(as) de Ginástica para Todos no mundo: uma análise de programas de federações nacionais**. 2019. 294 p. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CALÇA, Daniela Helena. O tecido circense: fundamentos para uma pedagogia das atividades circenses aéreas. **Conexões**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 72–88, 2007. <https://doi.org/10.20396/conex.v5i2.8637880>

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo Arruda. Reflexões sobre o Circo e Educação Física. **Corpoconsciência**. Santo André, n. 12, p. 39 - 70, 2003.

BRACCIALLI, Felipe; MELO, Caroline Capellato; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Pedagogia do Palhaço: relato de uma extensão universitária. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 8., 2019, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Cocen, 2019, p. 1-7.

BRASIL. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Lei nº 13.146**. Brasília, 2015.

BRIANT, Maria Emília Pires; OLIVER, Fátima Corrêa. Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações. **Revista brasileira de educação especial**, Marília, v. 18, n. 1, p. 141-154, mar. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000100010>

CARAMÊS, Aline de Souza; CORAZZA, Sara Teresinha; SILVA, Daiane Oliveira da. Atividades Circenses: um programa para melhoria do repertório motor de escolares. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde - Uscs**, João Pessoa, v. 10, n. 32, p.1-7, 2012. <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol10n32.1429>

CARDANI, Leonora Tanasovici. **Compartilhando práticas pedagógicas do circo na escola**. 2018. 143 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1635485>. Acesso em: 04 abr. 2023.

CARVALHO, Mariana Coelho; CIASCA, Sylvia Maria; RODRIGUES, Sônia das Dores. Há relação entre desenvolvimento psicomotor e dificuldade de aprendizagem?: Estudo comparativo de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, dificuldade escolar e transtorno de aprendizagem. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 32, n. 99, p. 293-301, 2015 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000300003&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 24 jul. 2023.

DAVELA, Jéssica Danielli Silva de Carvalho; ALMEIDA, Jéssica Yozhiyoka. **TDAH: revisão bibliográfica sobre definição, diagnóstico e intervenção**. 2016. 25 f. Monografia (Especialização) - Curso de Programa de Aprimoramento Profissional/Crh/Ses-Sp, Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: https://ses.sp.bvs.br/wp-content/uploads/2017/07/PAP_Jessica-DSC-Davela-e-Jessica-Y-Almeida_2016.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

DOLWITSCHI, Natália; ROSA, Gelton Quadros da; GUERRA, Raquel. Circo com crianças pequenas: uma experimentação aérea. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 6., 2017, Campinas. **Anais [...]** Campinas: Cocen, 2017, p. 1-7.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Atividades circenses:** possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 28, n. 2, p. 171-189, 2007.

FAVARI, Kaique Bueno de Camargo et al. O malabarismo da prática à socialização: estimulando a potencialidade criativa por meio do jogo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, p. 666-691, 2021. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37740>

GORGATTI, Márcia Greguol; DA COSTA, Roberto Fernandes. **Atividade física adaptada:** qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. Barueri, SP: Manole, 2005.

GUIMARÃES, Haunny Torisco et al. As atividades circenses nas aulas de educação física escolar e a criança com múltiplas deficiências. **Conexões**, Campinas, v. 17, p. e019027-e019027, 2019. <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8655860>

JAFFERIAN, Vera Helena Peres; BARONE, Leda Maria Codeço. A construção e a desconstrução do rótulo do TDAH na intervenção psicopedagógica. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 32, n. 98, p. 118-127, 2015.

KE, Xiaoya; LIU, Jing. Deficiência Intelectual. In: REY, JM (ed), **IACAPAP e-Textbook of Child and Adolescent Mental Health** (edição em Português). Genebra: International Association for Child and Adolescent Psychiatry and Allied Professions, 2015.

LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

LOPES, Daniel de Carvalho; DUPRAT, Rodrigo Mallet. Encaixando possibilidades: uma proposta pedagógica para o malabarismo com caixas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-23, 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e87325>

LOPES, Daniel de Carvalho; PARMA, Márcio. **Construção de malabares:** passo a passo. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

MAPELLI, Lina Domenica et al. Child with autistic spectrum disorder: care from the family. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. e20180116, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0116>.

OLIVEIRA, Fernando Dias de; DIAS, Diogo Inacio; GODOY, Luís Bruno de; ZAIM-DE-MELO, Rogério. Circo nas aulas de Educação Física: para além do domínio motor. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n. 65, p. 01-22, 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83701>

PAVANI, Jayme. O ensaio como gênero textual. In: V SIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS – O ENSINO EM FOCO, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]** Caxias do Sul: 2009, s.n.

PEREIRA, Sabrine Antunes et al. Educação física escolar para crianças com Transtorno do Espectro Autista: contribuições para professores(as) de educação física. **Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 2-15, 2019. Disponível em https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200904093818.pdf

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 173-183, jul./set. 2015. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150019>

SANTOS, Daísy Cléia Oliveira. Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 4, p. 935-948, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012000400010>

SILVA, Keity Valéria Padovan da. Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): um olhar pedagógico. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 6, n. 4, p. 223-231, nov./dez. 2015. <https://doi.org/10.30681/rebs.v6i4.9733>

SILVEIRA, José Francisco Baroni. **No picadeiro da educação física: O saber circense descortinando uma educação crítico-emancipatória**. 2013. 135 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande/FURG, Rio Grande, 2013.

VENDITTI, Rubens Junior; SOUSA, Marlus Alexandre. Tornando o “jogo possível” reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 47–58, 2008. <https://doi.org/10.5216/rpp.v11i1.1796>

YOGUI, Bianca Arantes Martins; TOLEDO, Eliana de; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A inclusão do aluno com deficiência visual nas atividades circenses sob a perspectiva dos profissionais da área. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 01, p. 70-79, jan./abr., 2017. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/375>

WUO, Ana Elvira. Comicidade: do “corpar” clownesco como princípio móvel, flexível, risível e espontâneo na (des) formação do ator. **Ouvirouver**, Uberlândia, v.9, n.1, p. 108-116. 2013. <https://doi.org/10.14393/OUV11-v9n1a2013-9>

ZAIM-DE-MELO, Rogério; GODOY, Luis Bruno de; BRACCIALLI, Felipe. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 01-20, julho/dezembro, 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e76909>

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.



FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria considera não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 01.09.2022

Aprovado em: 18.07.2023